

ACADEMIAS DE GINÁSTICA SÓ PARA MULHERES: INOVAÇÃO OU TRADIÇÃO?

Gabriela Neiva

Mestranda em Educação Física / GEFSS-UGF- RJ / bolsista do CNPq

Euza Maria de P. Gomes

Doutora em Educação Física/ GEFSS-UGF - UNIVERSO - RJ

Juliana Santos Costa

Mestre em Educação Física / GEFSS-UGF – UNESA – UFRJ - RJ

RESUMO

A busca por um espaço “demarcado” pelo sexo como traço identitário na atividade física livre entre mulheres nos chama atenção. Interessa-nos compreender o processo de expansão das academias de ginástica feminina hoje, sob a perspectiva da história revelada pelas narrativas das protagonistas das academias de ginástica feminina em momentos anteriores, correlacionadas com o pensamento da época. O estudo mostrou que a busca pelas atividades físicas vincula-se, em última instância, aos interesses e necessidades do momento.

ABSTRACT

The search for a “demarcated” space for the sex as identity trace in the free physical activity between women awakes our attention. It interest us to understand the process of the expansion of the feminine gymnastics academies today under the perspective of the history disclosed by narratives of the protagonists of the feminine gymnastics academies at previous moments correlated with the thought of the time. This study shows that the search for the physical activity is tied, in last instance, with the interests and necessities of the moment.

RESUMEN

La búsqueda para un espacio “demarcado” por el sexo como marca de la identidad en la actividad física libre entre las mujeres llama nostra atención. He interesado para entendernos el proceso de expansión de los gimnasios femeninos actualmente bajo perspectiva de la historia revelado por las narrativas de las protagonistas de los gimnasios femeninos en momentos anteriores puestos en correlación con el pensamiento del tiempo. Este estudio mostró que la búsqueda para las actividades físicas se une, finalmente, a los intereses y necesidades del momento.

1 INTRODUÇÃO

As discussões de gênero com foco na mulher são recorrentes nos meios acadêmico, social e político. São mais de 200 núcleos de pesquisa em gênero de diversas áreas de conhecimento localizados em mais de 100 universidades no país¹. Observamos depoimentos em diversos meios de comunicação, de mulheres de diversas idades, ocupações e classes refletindo sua tomada de consciência acerca do acesso aos espaços públicos na sociedade.

Homens e mulheres estão cada vez mais próximos do ideal de igualdade de acesso nos espaços público e privado. Contudo, parece que ainda há preocupação em se criar estratégias de acesso para as mulheres. Entre essas estratégias, destacamos algumas ações

¹Disponível em:

http://200.130.7.5/spmu/portal_pr/programas/resultados_1/Encontro%20Pensando%20Gênero%20e%20Ciências.doc> Acesso em 10/11/2006.

afirmativas: a cota de 30% para cada um dos sexos, nas eleições proporcionais, visando à equidade de representação em postos políticos², e; a aprovação pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro do projeto do deputado Jorge Picciani (PMDB), obrigando as empresas que administram o sistema ferroviário e metroviário no estado a destinar vagões exclusivos para mulheres nos horários de maior movimento.

Outras estratégias se constituem pela delimitação de espaços privados, com acesso exclusivo de mulheres. Destacamos as academias de ginásticas exclusivamente femininas, onde se aceitam apenas mulheres como proprietárias, funcionárias e alunas. O número dessas academias vem aumentando vertiginosamente, o que era incomum há algumas décadas. Pesquisando em *sites* de busca localizamos três empresas no ramo do *fitness*, com unidades em vários países: *Contours Express*, *Curves* e *30'in shape* (brasileira), franqueadas somente às mulheres. A mais representativa no Brasil é a *Curves*, com 136 unidades funcionando, em pesquisa feita até março de 2007, e novas unidades em processo de inauguração. No Rio de Janeiro são vinte e oito (28) unidades, e quatro (4) em Niterói. Existem outras academias só para mulheres, que não oferecem franquias, menos representativas³.

Observando o processo de democratização dos espaços públicos às mulheres ao longo do tempo, considerando suas rupturas e continuidades, a atual busca por um espaço “demarcado” pelo sexo como traço identitário na atividade física livre⁴ causa estranhamento, e chama atenção na medida em que academias mistas, assim como as modalidades por elas oferecidas, são acessíveis a todos/as. Pretendemos com este artigo, na perspectiva da história, compreender esses processos e estranhamentos que ocorrem no presente. Propomos olhar para a expansão das academias de ginástica femininas hoje e contrapor com as narrativas das protagonistas de seu surgimento, correlacionadas com o pensamento da época.

2 METODOLOGIA

Este estudo se apóia no referencial da História Cultural, que apresenta caminhos alternativos para investigação histórica e revela uma afeição especial pelo informal, aproximando-se da História Oral, privilegiando a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos da história” (VAINFAS, 2002; FREITAS, 2002, p. 50).

Reunimos fontes de pesquisa, análises de periódicos de décadas anteriores, sobre a aparição das academias de ginástica e “ginástica feminina”, estabelecendo um diálogo entre elas, a fim de conhecer o processo de abertura de academias femininas de ginástica, além dos depoimentos, favorecendo o enriquecimento da história contada pelos documentos.

As entrevistas individuais foram realizadas em março de 2007 prevaleceram na obtenção da história de vida de quatro mulheres, professoras de ginástica, fundadoras de academias femininas no Estado do Rio de Janeiro. A primeira, uma das pioneiras, abriu sua academia no ano de 1949, ministrando aulas de “ginástica rítmica”, mas não a declarou como academia feminina; a segunda foi fundadora e professora de ginástica de uma academia feminina no ano de 1968 que funciona até hoje, só para mulheres, em um bairro

² Lei nº. 9.504 de 30 de setembro de 1997. Disponível em www.senado.gov.br/sf/. Acesso em 05/11/2006.

³ *Anima Fitness Center* e *Lua Nua Fitness*, em São Paulo – SP; *Academia Feminina Ação e Reação* em Sorocaba – SP; *Stick Academia Feminina* e *MM Personal*, na Praia Grande – SP; *Academia Feminina* em Uberlândia – MG; *Academia Forma Feminina* em Brasília – DF; *Academia Formativa Feminina* em Macaé – RJ e *Estética Academia Feminina* em Natal – RN.

⁴ Atividade física livre é entendida aqui “como qualquer atividade física praticada para melhorar a saúde e/ou a condição física, ou realizada com o objetivo estético ou de lazer” (SALLES-COSTA *et al.*, 2003, p. 327)

tradicional da Zona Norte do Rio de Janeiro; a terceira, sua filha, passou a ministrar aulas de ginástica nesta academia em 1975, ao se formar pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e; a quarta criou uma academia de ginástica só para mulheres na cidade de Niterói – RJ, em 1970, hoje mista.

As lembranças de pessoas idosas ou mais experientes possibilitam verificar uma história social bem desenvolvida, pois “elas já atravessaram um tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis” (BOSI, 1987, p.21).

3 SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS – QUESTÕES DE GÊNERO

Por muito tempo os exercícios físicos foram associados ao espaço masculino por receio de que sua prática levasse à masculinização da mulher, sendo comuns preconceitos com as praticantes. A inserção das mulheres nas atividades físico-desportivas aconteceu em meio a avanços e recuos. Mas ainda há indícios de que as práticas corporais não são território de livre acesso para as mulheres, e “como um campo de disputa de poderes, constitui-se, ainda, como um espaço que produz, reforça e reanima a generificação dos corpos, cuja inscrição de marcas culturais vinculadas a masculinidades e feminilidade se dá de forma minuciosa e persistente” (GOELLNER, 2006).

Atribuímos parte desta conquista aos discursos dos intelectuais que no fim do século XIX e início do século XX se posicionaram a favor da participação da mulher nas atividades corporais. Esses pensadores vinculavam-se a um ideário de **eugenia**, que articulava um projeto de nação forte, saudável e bela na qual a educação física seria um meio eficaz de se alcançar esse ideal, e neste projeto entraria a mulher atrelada a um papel social, de ser boa esposa e boa mãe, e gerar uma prole saudável. Estas idéias podem reforçar estereótipos sexistas, ligados a papéis sociais impostos aos homens e mulheres, justificados biologicamente. Entretanto, não propomos a discussão destas questões, mas o impacto causado nas práticas corporais livres de mulheres, com foco nas academias de ginástica.

Foi em cima dos preconceitos e superstições da época que Fernando de Azevedo com a obra *Da Educação Física*, primeira publicação em 1916, e Orlando Rangel Sobrinho, com *Educação Physica Feminina*, em 1930, traziam em seu bojo a questão da mulher e sua participação na educação física como um problema social a ser discutido. Estas superstições eram: a ginástica se destina ao desenvolvimento muscular, impróprio para a mulher; dá hábitos grosseiros e maneiras nada “convinháveis” à delicadeza do sexo; enrobustece o organismo a preço da graça, da elegância e da estética das formas (AZEVEDO, 1920).

Sobrinho entende que “a pedra angular de toda a regeneração physica está na Educação Physica Feminina. É cuidando da educação da mulher que se chega a obter uma raça forte, sadia e bella” (1930, p.167). Mas a prática de atividade física era recomendada para a mulher com restrições, como o não envolvimento em competições.

Costa (2004) examinou revistas das décadas de 1930 a 1950: *Educação Física: Revista de Esportes e Saúde*; *Revista Brasileira de Educação Física* e *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, que descreviam o contexto social da mulher, mostrando comportamentos padronizados de atividade física, culturais, de beleza e formas de educação familiar esperados. A prática da ginástica era defendida para homens e mulheres, com “a distinção de exercícios de acordo com a sábia natureza dos sexos” (p. 48). Demonstam a importância da prática regular de exercícios físicos pelas mulheres, sendo as atividades indicadas as que não possibilitavam resultado duvidoso em relação à harmonia dos órgãos femininos.

Na *Revista de Educação Física do Exército*, a primeira década, de 1930, ficou marcada por uma extensa produção abordando as mulheres nas práticas corporais, com foco na regeneração da raça. Em 1940 a produção acerca da mulher diminuiu, sem alterar o foco. A partir de 1950 não se falava em eugenia. Entretanto, os princípios e objetivos a serem alcançados através das práticas corporais eram os mesmos. Um artigo de 1976 ainda abordava a maternidade como a função mais importante da mulher⁵. Este discurso começa a se alterar de forma significativa na década de 1980. Observamos com o artigo de Pacheco e Bezerra⁶ (1985) intitulado “Aspectos femininos nos exercícios físicos”, o estímulo aos exercícios ao sexo feminino “precocemente”, posicionando-se contra o mito sobre a masculinização da mulher que os pratica.

4 AS ACADEMIAS DE GINÁSTICA AO LONGO DA HISTÓRIA E AS MULHERES

O surgimento das academias se deu aproximadamente em 1930. Havia também ginásios destinados à prática de ginásticas e lutas. Novaes (1991) investigou a ginástica em academia no Rio de Janeiro, afirmando que há pouca informação, mesmo assim, não muito precisa sobre o momento histórico da aparição das academias na cidade. A ginástica realizada em academia “teve como entidades propagadoras a Associação Cristã de Moços e a Escola de Dança de Ballet Municipal” (p. 11).

Capinussú relata que:

a unificação da expressão [academia] surgiu espontaneamente nas últimas décadas possivelmente por facilitar a identificação de um interventor profissional autônomo em múltiplas formas de atividades físicas. **Portanto, a academia teve diferentes abordagens especializadas até o sentido eclético hoje dominante no Brasil.** (2005, p. 174).

A partir da década de 1940, “delineou-se o modelo eclético de academia que hoje predomina no Brasil com base na ginástica, oferta adicional de lutas e/ou de halterofilismo” (*ibid.*) e profissionais com formação superior, declinando a atuação dos profissionais vindos do exterior.

4.1 As academias de ginástica feminina

Verificamos no levantamento de Bertevello (2005) que na cidade do Rio de Janeiro as primeiras academias eram destinadas à prática de lutas (judô e jiu-jitsu) e halterofilismo, e algumas exceções para a prática de ginástica, dança ou natação. As modalidades predominantes eram reconhecidas como viris na época, proibidas às mulheres devido ao risco de se masculinizarem e/ou prejudicarem suas “funções”. Sob a influência do discurso higienista dominante nas décadas de 1930 e 1940, as possibilidades de atividades físicas femininas eram **balé, ginástica ou dança feminina moderna**.

As primeiras academias de “ginástica feminina” na cidade do Rio de Janeiro foram inauguradas em: 1925, por Naruna Corder; duas unidades em 1931 e 1937, por Greta Hillefeld; em 1935, Hellen Keller Alls; em 1938, Ana Bariska; 1947, Enid Sauer, na Associação dos Servidores Civis do Brasil (RJ) e em 1949, Yara Vaz, uma de nossas informantes.

⁵ CALDAS, Cap. R. L.; GOMES FILHO, 2º sargento I.. *A importância da aptidão física para a mulher*. Rev. de Ed. Física do Exército, nº 101, 2º sem., 1976.

⁶ PACHECO, Maj. P. R.; BEZERRA, D. B.. *Aspectos femininos nos exercícios físicos*. Rev. de Ed. Física do Exérc., nº 116, 1985.

O levantamento mostra que desde a década de 1950 até o início da década de 1960 não houve nenhuma academia para as práticas corporais de mulheres. O processo de expansão das academias mistas foi gradativo, e as praticantes do sexo feminino foram mais representativas após a década de 1980, combinando com a superação da proibição das práticas de lutas e levantamento de peso, entre outras, pelas mulheres.

Já as academias para mulheres da atualidade iniciaram um movimento de expansão a partir da década de 1990, com surgimento nos Estados Unidos. Primeiro a *Curves*, em 1992; em 1995 foi inaugurado o primeiro *clube* franqueado. De acordo com informações dos *sites*, a *Contours Express*, também teve origem neste período. Os sócios desta empresa, que eram donos de uma academia convencional, escutaram da mãe de um deles que ela não se sentia à vontade em freqüentar a academia pela presença de homens e por ser um ambiente freqüentado, sobretudo, por jovens. No Brasil, os primeiros *clubes* apareceram na década de 2000.

Estas academias têm em comum o método de treinamento em circuitos que duram trinta minutos, com atividades cardiovasculares e de fortalecimento muscular. Outros pontos interessantes se assemelham: todas têm a perda de peso em foco, colocando a preocupação com um corpo mais magro como objetivo entre as mulheres. Também caracterizam o ambiente como próprio para elas⁷, e não têm espelho.

Alguns exemplos demonstram representações sobre as academias só para mulheres:

“Você chega à academia e a recepcionista sabe o seu nome. O vestiário, limpinho e cheiroso, nunca está lotado. Roupas não é problema: até a turma do camisetão é bem recebida [...]” (Boa Forma, Editora Abril)

“As “Fast Gym” estão espalhadas por todo Brasil e são ótimas opções pra quem não tem muito tempo e nem paciência. A malhação acontece de forma mais prática e rápida, num ambiente que foge às regras: sem espelhos, sem homens, sem saradonas reparando nas suas gordurinhas...” (Internet)⁹

5 AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA FEMININA DE ONTEM

5.1 Yara Jardim Vaz

Yara Vaz, moradora do bairro da Tijuca, nasceu em 1917. Encontrou na família estímulo e incentivo para mudar sua forma física e comportamento.

Era uma menina ativa e praticava atividades físicas diversas. Aos 12 anos de idade, por determinação própria e contra a vontade de sua mãe, decidiu mudar a forma física, pois recebia muitas “*encarnações*” dos amigos associando sua imagem a um “*bacalhau de padaria*”. Todos os dias fazia ginástica pela manhã no terraço da casa. Após um ano se exercitando alcançou seu objetivo e transformou sua imagem corporal.

Yara ingressou na ENEFD em 1940, e ao terminar o Curso, em 1942, ministrava aulas na praia e em escolas particulares. Trabalhou no Instituto Benjamin Constant, dando aula de Ginástica Rítmica. Em 1949 abriu a **Escola de Dança Rítmica Yara Vaz**, um dos

⁷ Ver nos *sites* oficiais das empresas: www.curves.com.br, www.contoursexpress.com.br, e www.30inshape.com.br.

⁸ http://boaforma.abril.com.br/edicoes/216/fechado/Fitness/conteudo_11.shtml - acessado em 27/03/07 às 16h30min

⁹ http://delas.ig.com.br/materias/338001-338500/338427/338427_1.html - acessado em 27/03/07 às 18h

orgulhos de sua vida: “1º de maio de 1949 eu inaugurei a escola, e desde este tempo estou trabalhando sem interrupção. Eu gosto da minha profissão, o meu trabalho eu faço porque acredito na Educação Física [...]”.

Sobre as diferenças entre a ginástica “feminina” e a “masculina”, não houve relatos na fala de Yara. Entretanto, o fato de ter inaugurado a Escola de Dança Rítmica evidencia a frequência exclusiva das mulheres, sendo esta atividade caracterizada por movimentos leves e graciosos, adequados à feminilidade, indicada para as mulheres naquele tempo.

Em 1952 foi convidada a apresentar um programa de ginástica na TV Tupi que durou três meses. A partir daí dedicou e dividiu seu tempo entre atividades em sua academia e na televisão. Em 1977 foi convidada a apresentar um programa de ginástica na TV Educativa, durando sete anos e três meses. O programa teve grande repercussão nacional, sendo exibido em horários diversificados, e as pessoas, sobretudo as mulheres, se reuniam em casas ou lojas onde havia TV para assisti-lo.

A profissionalização de Yara ficou marcada pelo seu envolvimento com a prática da ginástica e sua propagação, sobretudo junto às mulheres. Até 2006 ministrava três aulas de ginástica diariamente em sua academia no Leblon, além de participar da administração e coordenação da mesma.

5.2 Hermínia de Andrade

Hermínia de Andrade nasceu em 1928. Moradora da Tijuca se envolveu com a prática de atividades corporais quando jovem, com 17 anos. Neste período dedicou-se às atividades físicas do Clube Ginástico Português, no centro da cidade, sobretudo o vôlei e a ginástica calistênica. Depois de se casar e ter filhos decidiu trabalhar fora de casa para ajudar nas despesas, primeiro como funcionária pública por aproximadamente quatro anos, até quando decidiu abrir a academia. Seu marido e muitos/as amigos/as não acreditaram na idéia, mas seu interesse pela área de estética a fez acreditar e seguir em frente abrindo a academia que oferecia aulas de ginástica e massagens estéticas feitas por ela mesma.

Não se profissionalizou, mas não deixou claro o motivo na narrativa. Dizia não haver curso de educação física em universidades na década de 1960, contudo, já havia a ENEFD da Universidade do Brasil desde 1939. Atribuímos a causa de sua não profissionalização ao fato de já ser mãe de dois filhos na época e, talvez, um grande entusiasmo em abrir a academia. Realizou “cursos livres” voltados para a área da educação física, reabilitação e tratamentos estéticos. Em poucos anos sua filha Margarida já a estaria ajudando.

“Depois de jovem comecei a freqüentar academia, fazer ginástica no Clube Ginástico Português. Ele existe até hoje. Na época existiam os clubes, as academias de ginástica eram poucas, mais oriental, tinha também Shidokan, que era jiu-jitsu.. Mas ginástica mesmo em academia não. Eu achava que tinha que ir por esse caminho. Aí comecei a entrar, estudei, fiz cursos, a parte de estética eu também gostava muito. Eu saí do serviço público e montei uma academia. Aí as opiniões foram todas contrárias!

Para Hermínia a ginástica realizada em sua academia não poderia ser praticada por homens levando em conta a diferença dos objetivos, diferente das mulheres: “[...] não se imaginava que mulher seria capaz de aumentar os músculos e fazer essa parte muscular. [...] A mulher é só da cintura pra baixo, e o homem da cintura pra cima, a parte de ombro, de tórax”.

Hoje não ministra aulas, mas a academia funciona só para mulheres e quem está à frente é sua filha. Demonstrou em sua fala satisfação e orgulho pelo espaço que deu certo,

tendo marcado sua vida pelas amizades que ali fez, e pela possibilidade de ter dado boas condições de vida aos seus filhos, trabalhando, com o apoio do marido.

5.3 Margarida Sousa

Margarida Sousa, conhecida como Guida, iniciou a prática da ginástica rítmica quando criança, tornando-se atleta. Formou-se pela ENEFD da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1975, período em que já assumia aulas na academia feminina.

Conta sobre seus resultados como atleta com muito orgulho, fato que a motivou optar pelo curso de educação física para se profissionalizar e trabalhar com a ginástica. Segundo ela, tudo já estava praticamente encaminhado até mesmo antes de se tornar professora: *“Na época, quando faltava um professor minha mãe ligava e dizia “venha rapidinho porque a professora faltou e você tem que substituir”. Tinha 15, 16 anos e já dava aula perfeitamente!”*.

Sobre as aulas de educação física e ginástica separadas por sexo relatou naturalidade:

“Sempre foram separadas, tem a turma feminina e a turma masculina. Então naquela época quando minha mãe começou quase quarenta anos atrás era só feminina realmente e nós continuamos uma coisa que dava certo, por que trocar? Foi uma coisa muito fácil, e deu certo, tanto que estamos até hoje [...]. A nossa aula tem a parte de dança que mulher gosta, a parte de balé, a barra, e a parte respiratória. E quando mistura homem e mulher não vai fazer isso. É um trabalho bem direcionado. Tem o molejo, o trabalho de quadril, os movimentos pélvicos que o homem não vai fazer.”

Guida ministra cerca de oito aulas por dia na academia. Podemos considerar sua atuação, junto de sua mãe, como fatores de contribuição significativa para a democratização das práticas corporais livres para mulheres, das décadas de 1960-70 até os dias atuais.

5.4 Maria Yeda Granato

Nascida em Miracema - RJ, Yeda, 82 anos, se envolveu com o voleibol aos 15, motivo que a fez vir para Niterói – RJ e ser aluna da primeira década da ENEFD. Quando ninguém na cidade pensava em academias de ginástica ela buscava um lugar para dar aulas. Começou uma turma na sala da Associação Médica Fluminense, tendo as esposas dos médicos como alunas. Depois de quase um ano decidiu mudar-se para onde hoje funciona a academia que leva seu nome. Com isso, acumularam-se as funções nos colégios e na academia, registrada como “Academia Fluminense de Ginástica”, posteriormente batizada de Yeda Granato.

“Desde os 15 anos jogava voleibol, depois vim para Niterói [...]. Na escola a ginástica era comum, mas era dura, puxada, não é igual à hoje, com essas aulas livres onde ninguém faz nada. Depois estava trabalhando com a ginástica em uma escola aqui no Caio Martins, e surgiu a idéia de montar uma sala de ginástica aqui na Associação Médica Fluminense. Eu inaugurei a sala com ginástica só para as mulheres”.

Relata que as mulheres deveriam praticar ginástica, e os homens futebol e musculação. Dez anos mais tarde fez uma sala de musculação na academia, permitindo a entrada de homens nas aulas de ginástica, mas estes não frequentavam.

“Depois de uns dez anos eu fiz uma sala com alguns aparelhos de musculação para os homens. Mas 80% dos alunos eram mulheres. Eu cheguei a dar aulas para os homens, mas não era muito fácil não, os homens são muito duros para fazer ginástica”.

Tornou-se praticante de musculação há pouco tempo e hoje não ministra aulas. Sua trajetória foi marcada pelo gosto pela atividade física, atribuindo sua boa saúde ao estilo de vida ativo que sempre teve: *“Se tem uma coisa que leva a gente a ter uma saúde de ferro é a ginástica, o esporte”.*

6 ACADEMIAS DE GINÁSTICA FEMININA: ONTEM X HOJE

Nosso estudo mostra que a origem da ginástica está atrelada à busca de um corpo de boa aparência. Com o passar dos anos vários tipos de ginástica foram surgindo, para os homens e mulheres, adequados às realidades sociais de hoje e ontem, atendendo aos interesses e necessidades do momento.

As academias de ginástica feminina de ontem se justificavam pelas diferenças biológicas entre homens e mulheres, reforçadas em função dos papéis sociais que cada qual deveria desempenhar. Antes a imposição do espaço era naturalizada e não declarada, havia um projeto de formação de sociedade saudável junto ao pensamento científico da época. Os movimentos e as práticas corporais eram diferentes, não fazia sentido homens participando das mesmas aulas.

Hoje, com a aparente ruptura deste paradigma, os espaços para as práticas corporais livres são mistos. Nas academias só para mulheres atuais a ginástica e os movimentos também o são. No entanto, há “demarcação” do espaço, só entram mulheres. Elas acumularam funções sociais como prover a casa, família, filhos, trabalhar fora, cuidar da saúde, beleza, *feminilidade*. Esta jornada de atividades dentro e fora de casa reduz o tempo livre, e as academias só para mulheres tornam-se atraentes por apresentarem a possibilidade de cumprirem o “dever” de se exercitarem em pouco tempo. A identificação de grupos de mulheres fora das práticas corporais, e talvez do padrão estético parece ser fundamental para estas empresas pensarem na possibilidade de inserir estes grupos nestas práticas. A partir desta idéia, estas academias podem ser espaços para as mulheres que não se percebem dentro de um padrão de corpo belo e saudável, e procuram alternativas para a prática de atividades físicas. Não querem sentir-se incomodadas com a presença de mulheres mais belas ou olhares críticos masculinos nas academias convencionais.

O estudo de Salles-Costa et al. (2003) sobre a prática de atividade física de lazer na perspectiva de gênero mostrou prevalência de inatividade entre as mulheres. Atribuem às múltiplas jornadas de trabalho a causa para a limitação do tempo destinado ao lazer. Isto aparenta contradição, já que as mulheres têm uma percepção mais sensível do corpo do que os homens. E por meio da atividade física que acontece a “busca do corpo delineado e controle do peso corporal, fenômeno observado, sobretudo, em sociedades mais desenvolvidas” (p. 29). O comportamento das mulheres em busca de uma silhueta definida, um corpo perfeito, reflete sua vulnerabilidade à influência da cultura da estética em nossa sociedade (GOLDENBERG; RAMOS, 2002).

Esta investigação nos mostra a maternidade e beleza da mulher marcantes nas obras dos intelectuais de ontem e no discurso atual. A idéia da maternidade hoje é nebulosa, possivelmente encoberta sob novos discursos. Entretanto, destacamos “beleza e estética”

como elementos centrais na história analisada. Como afirma Goellner (2006), essas idéias, sobretudo da estética “afirmam uma permanência disfarçada de formas sempre reinventadas de reafirmar o mesmo [...]”. Além disso, são representativos de determinadas escolhas, “que ao serem aceitas como naturais, inferiorizam as mulheres no campo das práticas corporais [...]”. (*ibid.*).

Finalmente, as academias femininas, no período de seu surgimento, assim como as determinações culturais das práticas corporais associadas a homens e mulheres, foram pautadas discursivamente a partir de pressupostos biológicos. A partir da década de 1990, as motivações para a procura por academias reservadas seguem determinações com novas roupagens, qual seja a busca pelo padrão estético esperado. Neste sentido, apresentamos a seguinte questão: O movimento de expansão das academias só para mulheres de hoje, a demarcação de um espaço no qual se inserem princípios e valores predominantemente femininos, reservado às mulheres, não poderia estar visando uma reorganização dos espaços ante a imposição histórica dos códigos formativos da masculinidade? Goellner nos ajuda a refletir quando coloca que “para o feminino está muito presente o que denomin[a] de uma estética da contenção: nada de excessos, nem de gorduras, nem de músculo, nem de ousadias, **nem de inserções em espaços que parecem não ser seus**” (2006).

A observação sistemática destes novos espaços e dos diálogos ocasionais das mulheres que os freqüentam, além de entrevistas, favorecem o acréscimo de novas pistas esclarecedoras acerca do assunto.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. *Da Educação Física*. São Paulo: Melhoramentos, 1920.

BERTEVELLO, G. J. *Academias de Ginástica e Condicionamento Físico: desenvolvimento*. In: DA COSTA, L. P. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 176.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da USP, 1987.

CAPINUSSU, J. M.. *Academias de Ginástica e Condicionamento Físico: origens*. In: DA COSTA, L. P. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 174.

COSTA, J. S.. *Vozes de Mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado*. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 2004.

FREITAS S. M.. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S.. *O corpo como valor*. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

NOVAES, J. *Ginástica em Academia no Rio de Janeiro: uma perspectiva histórico-descritiva*. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.

SALLES-COSTA et al. *Gênero e prática de atividade física de lazer*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2): S325-S333, 2003.

SOBRINHO, O. R.. *Educação Physica Feminina*. Rio de Janeiro: Typ. do Patronato, 1930.

VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Documento eletrônico:

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. Disponível em:

<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/paginas/arevista.htm>

Acesso em 23/04/07.

GOELLNER, S.V.. *Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness*. Labrys, Estudos Feministas, junho/ dezembro 2006. Disponível em

<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/silvana.htm>. Acesso em 04/05/07.

Gabriela Neiva

Rua Senador Vergueiro, nº 203 / aptº. 528 – Flamengo, Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22.230-000.

(21) 2285-2109 / (24) 8123-5905

gabineiva@globo.com

Juliana Santos Costa

Rua Pedro de Carvalho, nº. 161 / aptº. 204 – Méier, Rio de Janeiro – RJ

CEP: 20.725-230

Ju77costa@yahoo.com.br

Euza Maria de Paiva Gomes

Rua Tenente Mesquita, nº. 45 / aptº. 1504 – Bl. I – Icaraí, Niterói – RJ

CEP: 24.220-060

euzagomes@hotmail.com